

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**DISCIPLINA DE HISTÓRIA ORAL**  
**PROF:MARCOS ALVITO**  
**ALUNO:DIEGO NAZARETH CHAVES SÃO BENTO**

**PROJETO:TRABALHO E IDENTIDADE (TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA)**  
**Fita 1-Lado A**

**Pergunta:**Fale um pouco de seus pais e depois um pouco da sua história?

**Resposta:**meu pai vivia no interior,do estado. E naquela época, meu pai nasceu em 1922.E o sonho das pessoas que viviam no interior era vir para cidade pra tentar uma vida melhor na cidade, porque o interior na época... Era uma cidade chamada São Vicente de Paula, perto de Araruama-RJ, no interior do Estado. E ele como tinha pouca formação de estudo, meu pai estudou até a quarta série do primário,ele pra poder vir pra cidade, ele precisava de um emprego, e na época o que tava rolando, e o que foi possível para ele conseguir foi trabalhar na estiva. Meu pai foi estivador... e ele trabalhou praticamente 8 anos como estivador, ele entregava saco de farinha nas padarias de madrugada... e você sabe que é com a farinha que se faz o pão? Então as padarias precisam... é a matéria prima das padarias a farinha de trigo. E ele muito cedo, talvez pelo que eu conheci do meu pai, ele era uma pessoa muito ansiosa e trabalhava muito pesado, ele teve problema de coluna muito cedo, então ele viu que na época, na estiva ele não ia poder continuar trabalhando muito, senão ele ia ficar praticamente inválido. Então ele conseguiu emprego no comércio, passou a trabalhar com limpeza no comercio, depois passou a vendedor na loja de sapatos, e depois de vendedor passou a gerente, de uma loja de sapato no centro de Niterói, e depois de gerente conseguiu abrir seu pequeno negócio e se transformou num pequeno comerciante, e a história do meu pai foi essa... praticamente com 49anos ele sofreu um acidente muito grave e morreu cedo,com 49 anos, morreu atropelado,então... quer dizer... a história do meu pai se resume a historia de um trabalhador ,com pouca instrução ,que vem pra cidade, e na cidade dentro de uma lógica da época ele consegue vencer... vencer em que sentido? Porque ele através da sua força de trabalho, ele consegue através da estiva, apesar de doente se locomover numa cidade que pra ele era tudo novo, ele não conhecia praticamente ninguém, ele teve que morar com amigos, com pessoas que ele conhecia na estiva. Então a historia do meu pai é essa... uma história de um trabalhador que veio para a cidade naquela época ainda o sistema permitia, e ele(sistema) permitiu que ele de certa forma se desenvolvesse. Ele tnha uma capacidade muito grande,e eu lembro que meu pai às vezes, que meu pai tinha uma escrita e uma letra linda ,apesar de pouca instrução, naquela época uma quarta série, não era como hoje é uma. Meu pai eu me lembro escrevia muito bem e tinha uma capacidade de relação com as pessoas muito interessante, tanto que deu certo no comercio , e no comercio você precisa estar sempre, é uma forma que tem que ser relação pública, atrair as pessoas né?...

E minha mãe, a história de minha mãe é diferente... minha mãe é também, do interior, e apesar de ter vindo também, do interior, ela conseguiu estudar mais, na época ela fez o curso normal, se formou em professora, e conheceu meu pai e se casaram, e ela tem uma história um pouco diferente, mas sempre também foi uma mulher trabalhadora, trabalhou a vida inteira fora, sempre trabalhou... depois de professora ela passou.... ela fez um concurso e foi trabalhar na época, na época era público, era o setor público, era o Correio e Telégrafo, não é como hoje que é uma empresa privada, e ela fez esse concurso e passou para o correio e telegrafo, ela trabalhou muitos anos com código Morse, porque antes agente não tinha telegrama era Morse, não sei se vocês lembram( o entrevistado bateu com os seus dedos na mesa representando) era batida, Morse, lembra?... conhece né. Então minha mãe ela trabalhou a vida inteira também, né, inclusive depois da morte do meu pai, ela em parte até agente se formar. Eu tinha 21 e tava na universidade... ela segurou a família com o salário dela, porque na época eu trabalhava com o meu pai, ele tinha uma pequena loja quando morreu e eu fiquei um tempo com a loja, mas eu fui criado assim numa mentalidade do trabalho, e meu pai sempre dizia "olha vocês tem que estudar", porque todo sonho de um pai é que o filho estude mais que ele, acho que é uma coisa assim que todos nós mantemos isso né?... amanhã se agente tiver filhos agente vai querer que eles se preparem mais, conheçam mais, tenham mais conhecimento... e meu pai era dentro dessa, meus pais sempre trabalharam dentro dessa lógica, da gente se prepara mais, então acho que na época, um Homem que foi estivador e pra uma mulher professora, nós 3 filhos, todos nós conseguimos terminar uma universidade foi uma vitória pra eles, apesar de meu pai não ter visto a vitória, porque ele morreu antes e eu tava só na universidade, meu irmão era pequeno, minha irmã não tinha entrado para a universidade em psicologia, então praticamente a história dos meus pais é essa... dois trabalhadores... um que pegou mais no pesado, o meu pai, e uma mulher também com formação melhor, minha mãe, que de uma família de 11 filhos, a da minha mãe, as mulheres conseguiram estudar mais que os homens, então foi uma coisa até interessante porque numa sociedade machista muitas vezes o homem tem mais certas vantagens, mas no caso, talvez o machismo tenha ajudado... porque, os homens precisavam trabalhar e as mulheres tinham a obrigação de estudar. Então, a maioria das irmãs de minha mãe conseguiram essa formação, de estudar o que é equivalente a hoje o segundo grau. Então essa é praticamente a história dos meus velhos...

**P:...A sua ?**

**R:**A minha eu... eu praticamente posso o início da minha vida... eu sou nascido em Niterói, e o início da minha vida... eu conheci o trabalho muito cedo porque meu pai quando eu nasci já era pequeno comerciante, não era mais estivador, e eu com 10 anos já circulava bem dentro da loja, atendia fregueses, eu já tinha toda uma relação na loja do meu pai de vendedor, eu me transformei muito cedo num vendedor de sapato, e como vendedor eu me lembro que meu pai, e tirou as primeiras férias da vida dele como trabalhador, só quando eu fiz 14 anos, que ele conseguiu deixar a loja comigo e poder se afastar, porque a loja dele era muito pequena, e se ele antes deixasse com alguém... era quase que ele, ele era a própria loja, então com 14 anos pela primeira vez ele tirou umas férias de 15 dias,

muito preocupado porque naquela época... agente tinha um telefone e ele sempre ligava, ele como pequeno comerciante conseguiu um telefone na loja. É sou da época em que não tinha televisão, na minha infância agente usava era gibi, não sei se vocês conhecem?... mas hoje agente vê as crianças no mundo do *cartoon*, quem pode, dos desenhos animados... e na minha época era gibi, a minha necessidade de leitura eu extravasava ela colecionando gibi, gibi de todos os tipos de historia de faroeste, de... , de um conjunto de historias... E aí fui vivendo dentro da loja e aquele trabalho na época... comecei com 14 anos sempre assim muito alienado, era um trabalho que agente tinha que produzir pra sobreviver, vender... comprar .... vender... sacou? Aquela coisa do pequeno comercio. E eu fui me criando aí, e eu acho que isso me deu uma coisa que eu tenho até hoje que é a questão da relação humana, eu aprendi muito no comercio da relação humana , eu acho que é uma experiência que todas as pessoas que trabalharam com comercio seja temporário ou não, você tem uma relação com a pessoa muito interessante na vida , você passa o a ouvir as pessoas, a entender ,a compreender os olhares... a decifrar o enigma mais importante que é a relação humana, e começar a entender as durezas do mundo do trabalho, como é difícil você conseguir através do trabalho,de você estar ali como vendedor, você conseguir o mínimo indispensável pro seu sustento, eu acho que o outro legado que meu pai deixou para min e eu esqueci de dizer, acho que marcou muito na minha vida, é questão de ser honesto e não ser mentiroso, acho que a herança que ele trabalhou desde criança, outra questão é a de *“você precisa estudar, o comercio dá, você vai sobreviver porque você é um garoto esperto, ta aprendendo bem , mas você tenta sair do comercio, pra você poder ter uma profissão pra você ter... não fazer do teu trabalho um instrumento de sobrevivência só , você fazer do seu trabalho um instrumento da sua felicidade, então você estudando você vai buscar um encontro da sua felicidade no trabalho”*. Apesar da sua pouca instrução ele tinha essa visão, da questão do trabalho, e eu fui aprendendo, eu me lembro que eu fiz meu primeiro vestibular com 17 anos para engenharia e na época era muito essa coisa da engenharia, e eu tinha no sangue a questão da engenharia, porque eu tinha avos que gostavam de construir e eu me metia desde pequenininho fazendo galinheiro , gostava de carpintaria, meu avô era carpinteiro e criava galinhas, e tinha vindo do interior com essa tradição,e morava em casa de quintal. Então eu fui aprendendo essa coisa de .... aí tem um outro tio meu que era um mestre de obras, e foi me influenciando naquela coisa ali, e eu sempre gostei muito da questão da engenharia e da questão da arquitetura, dessa coisa de você criar de você poder pegar e construir... e isso foi me atraindo pra essa profissão, e isso foi me levando e me levou pra essa profissão... daí fiz meu primeiro vestibular e não passei no segundo meu pai me deu quase que um cheque-mate ele tava passando por uma crise financeira muito grande na época porque ele tinha comprado uma casa, foi a primeira casa que ele comprou quando eu tinha é ... é 14 anos, quando ele comprou a primeira casa e naquela época até 14 anos, agente tinha um colégio que papai consegui por um convenio um colégio particular,mas quando eu cheguei aos 14 ele quebrou... pela compra dessa casa ele colocou nos dois. Eu, meu irmão e minha irmã numa escola publica, e aí eu fiz o meu científico(ensino médio) numa escola publica, e o final do ginásial que era conhecido como fundamental hoje, mas que era a mesma coisa que é hoje só que

com outra nomenclatura. E aí eu consegui passar pro vestibular em engenharia numa universidade pública, eu não teria condições de pagar uma privada, na época eram poucas as privadas, essa coisa da privatização do ensino era muito ainda incipiente. Existia, mas a grande opção era a pública. Ou você passava e o vestibular era duro, era muito difícil, não era como hoje que engenharia caiu muito, hoje o percentual de aluno vaga da engenharia comparado com outros cursos ficou mais fácil, alguns cursos que emergiram depois do meu tempo... então eu me formei em engenharia passei por um período na engenharia, trabalhando e estudando, consegui alguns estágios... e meu pai morreu em 72, eu tava no segundo ano de universidade, então logo depois... veio... continuando. Me formei e dentro da universidade ainda, eu comecei a tomar conhecimento e comecei a travar uma relação na época da Ditadura Militar, em 75/76 comecei a travar meus primeiros contatos com o movimento político dentro da universidade, e esses contatos com o movimento político dentro da universidade foram assim chave na minha vida, foram determinantes, porque iam demarcar as próximas 3 décadas da minha vida. Os contatos em 75/76 uma época dura da Ditadura, quando eu fui fazer uma pós-graduação, me formei na UFF e fui fazer uma pós-graduação na UFRJ, na época eu gostava muito de um setor da engenharia que não é ciências exatas que é a mecânica dos solos e a hidrologia que é o estudo das águas, dos ventos, das mares, dos rios, dos canais, das barragens, e esse era o campo que me atraía e eu fui pra lá fazer isso, que na UFF não tinha mestrado, e na UFRJ tinha e eu fui pro COPE, naquela época que computador era tudo naqueles cartões, você tinha que andar com aquele mundo de cartões, aqueles computadores gigantes que eram os primeiros computadores, eu lembro que os trabalhos nossos você levava os cartões, trabalho você precisava de 200/300 cartões. Eu me lembro que naquela época eu comecei a me sentir mais um cartão dentro da sociedade. Eu me lembro que eu fazia essa analogia na época, eu era um cartão dentro da sociedade dentro do seu sistema dominante... eu fazia analogia com o sistema de computador na época, eu ainda me lembro desse detalhe. Então aí em 75 me formei e fui pra lá e comecei a tomar conhecimento e me relacionar com o movimento político, e foi uma via de mão única que não teve retorno e até hoje... e aí começou uma fase nova na minha vida, e aí eu me lembro que outra época marcante na minha vida foi ter conhecido e convivido com o movimento político na universidade e ter convivido com companheiros que seriam 2 anos depois torturados, conviviam comigo e me chamaram pra militância inicial, me convidaram pra militância, e eu na época por ser um militante novo no movimento e eles bem queimados. Eu fui bastante utilizado como convocador de assembleias clandestinas, e comecei por aí na época. E aí foi um processo evolutivo muito rápido, eu me lembro que aí a curiosidade começou a aumentar. Em 79 com o triunfo da revolução da Nicarágua que foi um fator que me marcou muito né? E aí a curiosidade já com a revolução cubana, a questão da anistia política, toda aquelas lutas que começavam naquela época, que vinham se inserir na luta pelas diretas, futuramente... primeiro a anistia depois as diretas no início de 80 e eu comecei a participar intensamente disso né.... e também tem uma coisa importante que foi o concurso público que eu fiz em 76, depois que me formei e passei no concurso público, e naquela época se fazia o concurso público do DASP que era um setor do serviço público que organizava concursos pra diferenmtes

autarquias. Eu passei no concurso publico e fui convocado pra trabalhar no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem(DNER). Que é um órgão que gesta toda a malha rodoviária brasileira. E aí comecei a trabalhar no DNER em 76, e aí ao mesmo tempo que tomava consciência política, me envolvia na ação direta, que era conviver com uma ditadura, porque o DNER sempre foi um órgão vamos dizer assim... em que a ditadura. Até depois da ditadura os presidentes do DNER foram militares ainda, na década de 80 até o fim da ditadura. Então essa convivência começou, a se tornar uma convivência é... é de confronto desde o inicio praticamente,e eu me lembro que depois de 79 com a anistia voltaram os anistiados e entre eles Leonel Brizola, que foi candidato ao governo em 82, e naquela época apoiar Leonel Brizola era um apoio é radical dentro do setor publico. E agente dali defendeu essa candidatura em 82, dentro do setor publico criando uma atmosfera de confronto já, com amplos setores dirigentes do DNER da época, e aí agente começa desde 82 a construir um... vamos dizer assim... Movimento social dentro do serviço publico, agente começa a construir uma alternativa de movimento social dentro do serviço publico. Um fator também muito importante que aconteceu na minha vida e também foi outro fator que contribuiu tremendamente pra minha formação e tal... e pro futuro da minha própria luta, que eu me incluo entre os lutadores sociais do período né. De massa e na massa eu fui um lutador social desse que estavam na massa pela anistia, pelas diretas, agente ia na massa,a massa o tempo todo evoluindo, tinha movimento... Hoje tem pouco , mas numa época diferente né , então eu me lembro que eu tive... vamos dizer assim ... é meu pai morreu em 72 e o inventário demorou 8 anos e deixou um dinheirinho pra cada filho e minha mãe me deu eu peguei uma licença não remunerada e fui pra Europa em 80. então eu acho que a ida a Europa foi uma coisa também chave na minha vida. Eu acho que contribuiu muito pra minha formação. Porque eu vi como que era o primeiro mundo entendeu... como que as coisas funcionavam no primeiro mundo, como era o primeiro mundo. Eu tinha um dado comparativo concreto, eu acho que eu voltei da Europa muito mais radical, e muito mais definido no sentido político da coisa entendeu... eu acho que a minha ida a Europa. Eu me lembro que lendo alguma coisa... Mariátegui fala sobre a ida dele pra Europa , não dessa forma, mas que também contribuiu muito pra formacao dele. Você vai lá e vê ... eu convivi com coisas por exemplo na época. Eu me lembro de uma coisa que me marcou muito... não tinha essa xenofobia do desemprego por exemplo... na Europa me marcou muito aquela coisa do respeito humano, do velho mundo, como é que as pessoas respeitavam, simplesmente por você ser um ser humano. Coisa que aqui no terceiro mundo.... agente num... entendeu.... então era tudo confuso pra min eu achava que o mundo era o terceiro mundo, quando eu conhecia aquilo ali foi uma cunha. Eu acho que eu voltei muito mais radical. Acho que foi uma historia muito interessante na minha vida, foi muito proveitosa a ida a Europa... e aí veio depois voltando 'a 86 né... eu começo a militar mais intensamente e desde 82 agente consegue ... começa a construir um movimento social dentro de DNER. Criamos uma incompatibilidade muito grande, havia muito medo na época, o DNER era um órgão na época muito comprometido, foi a grande teta de varias grandes empresas que se formaram... agente inclusive na época do movimento estudou 10 grandes empresas, todas elas praticamente se construíram dentro do DNER, com engenheiros do DNER. Entendeu...

superfaturando... então toda uma historia dentro do DNER e eu dentro, eu fui colocado dentro de um cenário bastante adverso. Então eu digo sempre que eu acho que a ... que a conjuntura cria aquela coisa da ação e reação, eu sofria tanta ação... eu por exemplo até hoje né .... em 84 foi me tirada uma gratificação, pela minha militância, por eu ter presenciado por exemplo uma... eu não sei se eu já comentei isso com você?uma... licitação fraudulenta eu acho que eu já comentei isso com você.... então foi tirada uma gratificação, eu entrei na justiça contra os militares, ganhei, só que isso foi em 85, essa gratificação só foi incorporada agora em 2004 ao me salário, só que o passado eu ainda não recebi até hoje de uma ação ganha em 85. tem um dinheirinho bom aí que ditadura me tirou e que eu vou receber....é não sei quando... a justiça é outra coisa que joga pra gente morre né... se eu não morre até lá, eu vou receber esse dinheiro. entendeu?... então eu acho que aí se intensifica essa militância numa conjuntura de Ascenso do Movimento né ... numa continuidade de luta pela anistia no final da ditadura, diretas já. Todo um processo de construção que a juventude da minha época, a rapaziada de 25,30,19... todo participou, eu até esse momento participando como massa. Só que em 86 esse compromisso começa a se intensificar mais, porque ...porque você começa a enfrentar o touro dentro do ventre dele você ta dentro, o DNER era um órgão de grande interesse, como era a construção de barragens na época das grandes empresas que naquela época se construíam através do estado, as grandes empresas se construíam dentro do estado, e junto ao estado, é bom até pra gente compreender quando agente chegar no processo final que é a questão da... do projeto neo-liberal né .... que é uma nova fase, as grandes empresas num patamar novo. Que antes naquele milagre econômico eles fortaleciam o estado e se construíam através dele, e paralelo a ele. E agente combatendo toda essa política desde aquele período... Então aí eu acho que um fato muito interessante na minha vida né que eu acho que foi um parto, foi a construção talvez de uma das greve mais radicais havida no serviço publico na década de 80. em 89 agente deflagra uma greve no DNER, que adquiria forma de ocupação de rodovias em todo pais e eu me lembro que era um momento eleitoral de eleição de Lula né e agente nessa greve que começou a ser construída em 82 ela veio a ser detonada em 89, foram praticamente 7 anos pra construir uma greve, porque... existia muito medo... pq ninguém queria enfrentar... pq não havia organização dos trabalhadores do serviço publico, não havia sindicatos do serviço publico, e agente passa a construir movimento e passa a construir um movimento sindical, e foram duas coisas que ocorreram junto, porque esse movimento se transforma em movimento sindical dentro dos trabalhadores do Serviço publico. Então essa grande greve se detona e eu era base do movimento e as associações todas pelegas, foi uma greve que agente construiu pela base. E pela base agente se forma como direção sindical. Eu jamais vou esquecer uma assembléia de greve dentro do sindicato dos bancários. Aquele sindicato abarrotado, eu nunca via aquele sindicato dos bancários do RJ aquele auditório ali na Pres. Vargas. Aquele auditório eu acho que daria umas 500pessoas, mas tinha +ou- umas 700, que tava tudo lotado entendeu... e eu me lembro que naquele momento na direção do movimento na direção da greve... é... eu me lembro que todas as associações defenderam pelo fim da greve... e eu como base... e´ defendi a continuidade da greve, e naquele momento e naquela assembléia a votação foi tão massiva pela

continuidade da greve. Que eu falei pó realmente eu acho que nesse momento da conjuntura eu sou uma pessoa que se eu não votar pelo fim dessa greve, essa greve não vai acabar. Então era uma responsabilidade tão grande, que foi a única vez que eu participei de uma comissão de negociação na minha vida como dirigente sindical. A categoria naquela assembléia impôs que se eu não tivesse na comissão de negociação, além de votar a continuidade da greve, não teria comissão de negociação. A categoria estava completamente radicalizada. É um fato interessante notar que naquele momento esse advento de fechar rodovias que hoje ele tomou um vulto maior. Até aquele momento não existia aquilo na conjuntura da retomada das lutas no Brasil. Então quer dizer... nós por trabalharmos com rodovia, por trabalharmos no DNER. Tivemos e acho que foi uma questão que teria que partir de nos mesmos. Porque nos éramos os trabalhadores da rodovia, então eu acho que foi uma coisa que eu acho que entrou na conjuntura como uma luva. E se tornou um instrumento de luta o fechamento de rodovia, apesar de todo hoje o momento de crise do movimento sindical, e esse instrumento ele tá abandonado. Os sem-terra ainda usam esse instrumento, hoje ainda em alguns lugares. Mas hoje muito utilizado, e aí não tem nada a ver com a nossa conjuntura, na Bolívia né... a tática boliviana de movimento grevista é... e eu acho que isso é uma lição que vem da própria Bolívia com a COB (central obrera boliviana) . é hoje nesse ultimo confronto de outubro de 2003. eles vem fechando as rodovias no interior da Bolívia, até chegar o cerco a La Paz . Então eu acho que é essa coisa.... e nesse movimento pela base e essa grande greve, e nesse momento já tinha uma grande aproximação com o movimento revolucionário da época né.... acho que essa aproximação começou em 86 também, eu acho que é importante frisar nos já tivemos... viemos de uma... vamos dizer assim o ... quem nos atraiu pro movimento de esquerda foi o Luis Carlos Prestes, acho que vale a pena mencionar, porque realmente era o companheiro que era referencia nossa na época... (interrupção na fala de seu amigo Luis Eduardo Mergulhão, lembrando o lema “de norte a sul, de leste a oeste, o povo todo grita Luis Carlos Prestes” ) ...Luis Carlos Prestes, então quer dizer... fomos atraídos pro movimento de luta, fomos atraídos pro movimento socialista, por quem ? Luis Carlos Prestes é verdade... e em 86 passamos a ter divergências com LCP, não grandes divergências, mas divergências chaves. como organizar um novo partido revolucionário. O Prestes tinha muita... é ... O Prestes não tava querendo trabalhar nessa proposta, e na época nos tínhamos uma referencia muito grande que também veio do Partido Comunista que era o Sargento Gregório Bezerra, um pernambucano, lutador, que virou símbolo de luta contra a burguesia quando foi arrastado pelas ruas de Recife, e até na massa sai uma mulher né ... ele nu praticamente... e uma mulher vem e joga um pano branco nele. Essa foto é histórica, ele no chão amarrado naquele pano branco. E aí aquilo pra nos foi o símbolo. E aí eu passei a conhecer uma organização que se chamava Coletivo Gregório Bezerra... Coletivos Gregório Bezerra que era uma organização que praticamente existia em 6 estados. E essa organização vai ... é se forjando como uma alternativa revolucionaria, eu gostei, na época eu estava no PT, eu tinha me filiado ao PT na época. E essa organização na época... fui candidato a vereador pelo PT em 88. Tive o apoio dessa organização política e

revolucionária. E aí rompi com o PT logo depois em 92... rompi porque agente resolveu... é o coletivo resolveu criar um partido revolucionário. Foi o terceiro né... O 1º o PCB, o 2º o PT e o 3º o último partido que participei na minha vida que foi o Partido da Libertação Proletária. Oriundo dos coletivos Gregório Bezerra. Então, nessa militância no PLP, me remete a sair da base do movimento... e me tornar dirigente da Central Única dos Trabalhadores, no sétimo congresso da CUT no Rio de Janeiro o PLP era uma força política importante na cidade né... até na conjuntura... revolucionária... preenchia um vácuo interessante, ainda com peso muito grande do Stalinismo, e acho que agente foi enganado também, como outros da época com a questão da Perestroika. Eu me lembro que num congresso da CUT eu defendi o Gorbachev... é verdade... e acho que essa experiência revolucionária ela se torna muito rica na nossa participação na CUT e aí que agente estreita os laços de relação com o companheiro Mergulhão que já era dessa organização, e que está aqui presente... (Mergulhão: "Foi a época em que nós... que pela primeira vez a Articulação (corrente interna do PT) perde a CUT-RJ)... Exatamente... agente consegue trabalhar uma grande, construção que custou, um grande bloco de esquerda e derrota aqui no Rio de Janeiro a Articulação Sindical que é a corrente do Lula que vem hoje a ser o Governo, é quem tá no governo que é a AS... então acho que essa história do movimento sindical, ela vem de um processo de luta de uma formação na base, numa formação no povo, entendeu? Que vem e me projeta pra direção do movimento. E aí foi uma outra experiência muito rica na minha vida, a direção do movimento porque nós aí vivemos o que eu digo na... numa tese que agente tá até hoje defendendo no movimento sindical....

#### **Final do Lado A da fita 1**

#### **Fita 1-Lado B**

... é agente coloca que aí nesse período, que foi de 91/94 que eu fui diretor, meu mandato foi de 91/94. foi um momento muito rico político, mas ao mesmo tempo o momento da grande virada da CUT pra o que tá hoje. Então nós vivemos dentro desse momento. É por exemplo... o Mergulhão tá aqui e lembrou um fato interessante, e acho que vale apenas mencionar né... logo no primeiro mês de eleição pra essa direção da CUT, agente se defronta com uma greve de funcionários da própria CUT, e eu na verdade posso falar e ele é testemunha. A direção da CUT se dividiu, e eu fiz parte daquele setor que apoiou a greve... e eu acho que Mergulhão é testemunha viva, ele era da comissão de funcionários, e eu daquele setor da CUT, que apoiou a greve. Até porque não poderia deixar de apoiar, porque o Mergulhão que era da comissão, era da mesma corrente política que eu. Então seria uma contradição, né... então eu acho que teve esse aspecto interessante nessa greve... eu me lembro, por exemplo, acho que alguns aspectos por exemplo naquele momento, naquela época né... a questão do MST, o MST não existia no Rio de Janeiro naquele momento, ele tinha sido fundado em 84 num congresso e... não tinha chegado no Rio de Janeiro. (Adendo de Mergulhão: existia na CUT uma secretaria de trabalhadores Rurais) então o que deram base ao novo ao MST, ou seja, agente através da nossa secretaria, posso dizer isso até porque era firmado pelos estudantes, pelos camélos, era a secretaria mais aberta da

CUT, ali era todo mundo que chegava na CUT e que queria... era uma Muvuca, era uma secretaria super interessante, que era a secretaria de política social, era ali bem convulsionado, inclusive... nós inclusive... porque a CUT não atendia já naquela época a nossa coisa, criamos jornal próprio, o Mergulhão ta aqui ele se lembra, nos tínhamos um jornal próprio que se chamava Resistência. Dentro da CUT nos tínhamos um jornal próprio na secretaria, em que agente abria espaço pros movimentos sociais como camelos... entendeu... então foi uma época de muito confronto. (Mergulhão: "promovíamos seminários sobre auto-gestão... agente chegava. A única secretaria preocupada com a questão da formação política... trazia gente pra debater sobre socialismo... agente agitava legal") questão do negro, a luta do negro... era uma secretaria muito agitativa, muito agitativa no sentido de apoio as lutas das massas e isso contrariava os setores da CUT porque eles viam que aquilo ali era uma convulsão permanente, enquanto que as outras secretarias funcionavam burocraticamente e agente sempre dando duro ali pra atrair os movimentos sociais pra dentro da central né... mas enquanto isso, eu acho importante, e vale a pena frisar um episodio muito importante na minha vida, eu acho que foi um episodio que, que... determinante até. Que foi a primeira privatização né... e eu acho que a primeira privatização foi a USIMINAS... e eu tenho até nessa tese que eu to passando pra você também esse escrito, eu detalho um pouco o que aconteceu, nesse dia 25/09/91, que foi a primeira tentativa de privatização da USIMINAS. Em que "eles" vieram despreparados pra privatizar e nos conseguimos barrar. Naquele dia o confronto na rua e o pessoal chutando a bunda dos caras que vinham.... e vieram muito inocentes pra privatizar a USIMINAS e nos viemos mais preparados do que eles, tanto que agente conseguiu adiar, o primeiro processo de privatização... a primeira empresa privatizada no Brasil. E aí foi adiado por 1 mês... foi marcado pra 25/10, outra vez a privatização da USIMINAS no Rio de Janeiro, na época o governo era Brizola né ...o segundo governo Brizola, que foi eleito pro segundo mandato em 90, e... a privatização veio a acontecer no dia 25/10... e eu me lembro que eu fui protagonista na minha intervenção talvez de um dos maiores confrontos que houveram... urbano... pelo menos dessa nova fase, dessa nova conjuntura, não to comparando com os confrontos que houveram na época da ditadura... nenhuma pretensão... mas nessa época a retomada das lutas, eu não ... eu não... vamos dizer assim... eu acho que houve um grande confronto naquele aumento de ônibus no governo Saturnino (Braga), mas foi meio espontâneo, uma coisa meio espontânea. em 87 que agente tava na passeata... eu acho que foi um grande confronto que ocorreu e que agente também foi protagonista, que participamos juntos com os trabalhadores ali... que foi um aumento de ônibus que o Saturnino deu e houve... um choque no centro do Rio de Janeiro, que foi tremenda com quase 50 ônibus incendiados, foi um movimento assim, muito radical que houve em 87... e aí nesse dia 25/10, eu me lembro que agente queria desde o começo preparar uma estratégia pra impedir a privatização na época na executiva da CUT agente defendia essa estratégia, e defendíamos que tínhamos condições de barrar, e na época saiu uma queimação muito grande no PLP, dizendo que agente queria incendiar o Rio de Janeiro, e uma coisa muito queimativa, e mesmo assim nos não dizestimos, nos fomos pra privatização da USIMINAS preparados pra tentar enfrentar, só que a CUT não foi preparada... eu me lembro que começou a

privatização meio-dia e a massa tava grande, foi na praça XV e tinha muita gente, e a massa tava muito radicalizada naquele momento, e vinham preparados pra se confrontar e tentar e impedir o que já tinham conseguido 25 dias antes.... só que desta vez o policiamento quadriplicou... eram mais de 1000 PM's formados em frente a bolsa de valores... e aí começa o processo de privatização e começam as intervenções... intervenção , e intervenção... pá, pá, pá... e a privatização tava la ocorrendo e pá, pá, pá... e eu me lembro que chegou a minha vez de fazer a intervenção... e na minha intervenção eu me lembro que eu falei: "companheiros eu acho que é muito interessante que todos façam as suas intervenções"... mas eu acho que foi a senha pra começar o confronto que eu dei, e eu acho que a massa entendeu dessa forma, porque ela queria lutar... eu me lembro que eu coloquei o seguinte "é muito interessante e eu acho que todas as intervenções feitas aqui até agora, tem seu valor e são dignas de nosso aplauso, mas tem fato concreto ocorrendo lá dentro agora... eles tão privatizando a USIMINAS ali dentro, nos tamus a 50 metros do processo que ta ocorrendo de Privatização, ou agente resolve ficar aqui nas intervenções, ou agente tenta fazer algo..." quando eu falei isso foi como que a senha... então quer dizer, toda aquela massa que tava lá embaixo, nesse momento, pega todos... os... as pedras e os ferros que separavam da PM e arremessa encima da PM... e aí naquele momento quando eu vejo a massa fazendo isso e as pedras caindo, eu como dirigente sindical eu tomo uma atitude que pra min naquele momento foi a que eu deveria tomar...foi gritar:"PEDRA!!!"... "ATACA!!!"... e nisso eu me lembro que o movimento sindical e os outros companheiros que estavam encima do carro de som, tentam me tirar o microfone... e eu não deixo que eles me tirem o microfone, e começo a chamar a massa pra atacar e aí companheiros... foi um confronto de 6 horas no centro do Rio de Janeiro, tomou a praça XV inteira... foi um confronto com explosão de bombas, coquetéis molotovs, e tudo que se possa imaginar jogavam encima da policia, e a policia tomou... e a porrada foi intensa, eu nunca mais vou esquecer a passeata de 7 horas da noite praticamente... 7 horas da noite parecia uma passeata de mutilados, mas com uma moral altíssima... que o confronto atraiu a atenção... eu me lembro que chegava burocrata e entrava na luta... neguinho que ia chegando, e nos queríamos na verdade, era aguentar aquilo ali até a hora da barca, quando inflamaria e mais gente chegaria... só que ai já entrou os parlamentares... todos com aquela coisa pra aliviar... porque? Porque nos também sofríamos uma ameaça de massacre... teve uma hora que o carro de som... afastaram a massa na porrada. Ilharam o carro de som, e nos la dentro com barra de ferro e só nos dentro do carro de som... i aí... cercaram o carro de som pra atacar... cercaram e rodando pra atacar... e aí consultaram pra vê se atacava ou não...e ai eu falei vai ser um massacre... e aí dentro do carro de som tinha uns 20 militantes.... e tinham uns se cagando cumpadre... (Mergulhão:" e mal você enxergava o carro de som porque era tanta bomba...") e aí nos saímos do carro de som... alguns saíram do carro de som... e eu disse "companheiros eles vem pra matar"... então vamo morre lutando. E aí cada um com um pedaço de barra de ferro na mão, porque dentro do carro de som tinha. Quando vem a ordem pra dispersar... não atacaram o carro de som... parece que ai teve uma interferência direta do Nilo Batista. Que tinha uma relação com o Washington, que era o Presidente da CUT, uma relação um pouco mais... vamos dizer assim... porra,

mas não mata!... porra, mas não mata cumpadre... ai dispersou, e foi interessante na hora que dispersa, a massa que tava acuada e reprimida, ela volta toda pra praça, a massa queria mais... queria mais, queria lutar. entendeu?... então esse foi um confronto inesquecível na minha vida, eu acho que... eu tive que sair do Rio por um tempo, e meu nome saiu em todas as primeiras paginas de jornais do Brasil, até é uma compilação histórica que eu tenho que fazer como culpado por aquele ato... meu nome saiu como culpado por ter gerado todo aquele movimento, e eu me lembro que ficou muito ódio, porque a policia ficou com muita raiva, porque houve muitos feridos na época, e muitas pessoas presas e muitas respondendo a inquéritos... eu e Washington fomos um deles que ficamos respondendo a inquérito um tempão... e depois disso o movimento sindical... acho que entra uma nova fase no movimento sindical. Aquela luta contra... aqui da CUT-Rio não foi apoiada pela CUT-Nacional, não tinha nenhum dirigente nacional nesse dia do confronto. Jair Menegheli tinha vindo no primeiro... Jair Menegheli e Belughi tinham vindo no primeiro... nesse segundo... é... privatização não veio nenhum dirigente da CUT-Nacional pra esse confronto... (Mergulhão:" nessa época você já tinha uma tendência da Articulação a fazer aliança com o governo Collor...")... Exatamente!... (Mergulhão:" a senha nossa que agente fez la no congresso, foi é... vergonha nacional sentou com a dona Zélia no pacto social")... então era um governo Collor nacionalmente e nesse governo a CUT já estava já na setorização do movimento, as câmaras setoriais que é uma coisa de você pulverizar o movimento, acho que é... as câmaras setoriais... e vamos dizer e a não luta permanente contra a questão do processo em curso neo liberal que era a privatização... das privatizações... então depois veio as privatizações das... da CSN já sem tanta intensidade de luta... teve uma lutinha também, mas com menos intensidade... é... acho que nesse período começa... e aí concordo com... o 4º congresso da CUT ocorre, nessa polemica de 92, nessa polemica das privatizações. E no 4º congresso de CUT pra mim é um divisor de águas no movimento sindical que até aquele momento vinha numa conjuntura de Ascenso, e do 4º congresso pra cá, se você for pegar um gráfico das lutas sociais no Brasil, você vai ver que houve um descenso das lutas sociais no Brasil, inclusive com a principal perda da bandeira do movimento sindical, que é a perda da bandeira da greve geral, que é outro episodio que deve ser mencionado... que a grande greve geral de 89, uma greve geral que praticamente pois na lona o governo Sarney, eu me lembro que eu tava no comendo da greve aqui em Niterói, e nos paralisamos a cidade completamente, foi uma greve ultra radical, aqui em Niterói... posso até depois se interessar, entrar nessa coisa né?... foi uma ação político, até posso dizer.. até militarizada pra poder parar a cidade... se interessar agente pode ate aprofundar mais um pouco sobre isso...e essa grande greve e depois uma grande greve contra Collor, não tão grande quanto a do Sarney, mas também interessante ainda, depois disso de lá pra cá, praticamente eu acho que... eu vou ate colocar um termo que eu tenho um pouco de cuidado, mas que vale a pena agente mencionar, eu classifico como praticamente a década perdida num dos mais importantes movimentos sociais do Brasil que o movimento sindical... praticamente de 92 pra cá... uma... uma perda completamente da identidade da CUT como, enquanto entidade de luta dos trabalhadores, enquanto instrumento de identidade de luta dos trabalhadores, e a CUT passa a ser uma referencia como

uma entidade jurídica, uma entidade... e se associa a SIOLS que o sindicalismo mafioso americano... (Mergulhao:"no ponto de vista ideológico a bandeira da greve geral vira uma bandeira secundaria, a concepcao de greve geral não era organizada pela base") ... acho que outro aspecto interessante de mencionar foi o fim do modelo Soviético, da derrubada do muro, que teve um peso muito grande também no movimento operário brasileiro, e no movimento social de uma forma geral . O fim do leste europeu caiu como uma bomba, ne?... por exemplo.... (Mergulhão: "você se manter revolucionário, dizer que era revolucionário e comunista naquela época da década de 90, na primeira parte da década de 90 era uma aventura") ... era considerado dinossauro, era atacado de que a historia acabou, setores da esquerda... vamos dizer os sociais democratas deram ... acho que todo mundo uma cambada da esquerda pra direita....neoliberal... e comunista também que desbundou... partidos revolucionários como o nosso que praticamente se pulverizou... então a questão do fim do leste europeu, foi uma bomba dentro da esquerda. Eu vejo dessa forma, e eu acho que ate hoje a esquerda vive ainda efeitos ... que não consegui definir um campo de esquerda claro... desse período... da historia do movimento sindical, nos não temos muita coisa boa pra contar.... é, conhecidamente eu me lembro que na época já tinha uma visão e agente já discutia isso no partido, que era uma visão de que deveria abandonar a cúpula do mov.sindical porque naquele momento em 92 fica caracterizado que a luta pelo aparato sindical... que a luta pelo aparelho sindical pra'quele setor majoritário era muito mais importante do que manter a relação de companherismo com as forcas de esquerda.... eles na fraude do 4ºcongresso, que agente pode e ta até escrito ai nesse documento que eu te entreguei, na fraude do 4º. congresso ali fica claro... pelo o aparato tudo era capaz de fazer o setor majoritário. Eu acho que já eram indícios do que ta acontecendo se agente for analisar... tem haver com o que esta acontecendo hoje, porque esse mesmo mov.sindical que faz a fraude no 4ºcongresso pelo aparato... e capaz de tudo, é quem ta hoje no governo Lula, é o setor articulação sindical... entendeu?...(Mergulhão :”caberia aqui citar o caso dos setores de esquerda frente a isso, muita coisa se deve ao setor de esquerda”) ... eu acho muito bem lembrado pelo Mergulhão, é essa questão, porque? No momento da fraude e aí termina o congresso na porrada... o 4ºcongresso termina na porrada... foi uma coisa impressionante... se vocês forem ver o que ocasionou aquilo... foi uma coisa assim tão... um desespero completo deles, que viram que na única votação que decidia a divisão do aparato em 2, que era a questão da proporcionalidade, eles não aceitaram a decisão das urnas. Empatou na plenária a votação por duas vezes... com um congresso de 1600 pessoas, se imagine empatar no plenário uma votação que dividiria o aparato em 2, e tinha 5 vos em urnas separadas, de pessoas que perderam o crachá e que comprovadamente eram delegados... que era obrigado a abrir, aquilo era a praxe do movimento, e a articulação se nega a abrir... e porque, pelo computador eles viram que nos tínhamos 4 votos desses 5... então nos ganharíamos aquela votação... e depois disso o que faz a articulação, resolve tenta contemporizar... porque a coisa ficou feia... e eu acho que aquele momento era o momento de rompimento com a central, porque teria a massa dos 2 lados, e redefiniria um campo contra a fraude. Ficaria bem claro e foi feita a tentativa num congresso...num encontro em Belo Horizonte. Eu não se você

lembra que houve, que também não gerou nada da esquerda. Por que? Porque a esquerda... a articulação de modo inteligente oferece alguns cargos a esquerda pra que a esquerda possa... e aí o que acontece... a esquerda aceita aqueles cargos... e aí com exceção de 2 pessoas, os nossos militantes nos pressionamos, nós tínhamos um membro na executiva nacional, e um membro do PLP não aceitou... e vamos fazer justiça, um membro do trabalho que tinha uma posição diferente de hoje, e esse camarada até morreu... que era um militante... Francisco que morreu depois, dirigente do setor público. E também não aceitou... então isso de lá pra cá o que aconteceu? O projeto neo liberal se implementa, sem que a CUT majoritariamente tome uma postura contrária, sempre burocrática, e a esquerda não consegue se diferenciar, a esquerda aceita aqueles cargos no aparato, começa também a cometer os mesmos erros... é burocratismo, é ... excesso de... de zelo pelo aparato sindical, um crescimento gigantesco do setor sindical, dos aparatos... principalmente no setor público, e... conseqüentemente uma diminuição da luta que tem haver com... a esquerda não conseguiu se diferenciar publicamente, ela se tornou uma esquerda quase que domesticada dentro do aparato da direita, e ela não consegue formular uma política de oposição a política majoritária apesar de estar lá dentro convivendo no aparato e aquilo tudo... e nesses setores eu incluo toda esquerda (da um tapa na mesa) sem exceção, inclusive o próprio PSTU. Que hoje tá trabalhando pra construir uma nova central sindical, um projeto de ruptura dentro do CONLUTAS... então a esquerda também... (Mergulhão: "uma colocação clara do PSTU é um erro assim de perceber as novas decisões colocadas, era que o PSTU fazia críticas agente por trabalhar com camelo, por trabalhar é só com carteira assinada e agente até mexia com eles... ") ... eles não conseguiam se trabalhar com esses setores informais... porque que agente tá centrado no PSTU, é que agora tá com uma proposta de que a CUT ficou outra, só agora e de que agora é que tem que romper... na verdade esse rompimento deveria ter se iniciado e processado num momento em que as condições pra ruptura, tinha massa dos 2 lados... tinha massa dos 2 lados... seria uma ruptura que definiria um novo mov.sindical no Brasil, diferente daquele que chegou naquele ponto... então o que acontece essa... essa aceitação da esquerda ao status quo da política majoritária. Eu digo aceitação porque ela não conseguiu se formar como alternativa. Conviveu e comeu no mesmo aparato, construiu o aparato junto... e não conseguiu se formar como alternativa para o povo. E é por isso que eu considero que foi uma década meio que perdida pro movimento sindical. Então praticamente é a minha história... Hoje eu continuo... essa coisa de sair das direções é uma coisa que eu já tive em 93, eu acho que os grandes lutadores do mov.sindical... outra alternativa era romper com as direções. Deixar bem claro quem seriam e quais são as direções atuais, e isso não ocorreu e eu fiquei completamente isolado, eu acho que foi um isolamento que me jogou quase que num exílio político, porque eu fiquei um tempo... nunca deixei de militar no mov.sindical, mas deixei de participar intensamente das lutas... porque não tinha luta intensa pra participar... e seria um desgaste tremendo e talvez eu estaria até morto se tivesse... pela minha saúde debilitada poderia até ficar ali uivando sozinho no mov.sindical. eu acho que ressurgiu na conjuntura nova agora, uma nova esperança de uma redefinição pela esquerda, acho que agora é um momento de redefinição.... porque? Antes no

mov. Sindical era muito fácil você fazer oposição... entre aspas a *light*, a Fernando Henrique, com majoritária da Articulação compondo proporcionalmente. Hoje não... hoje é um momento de crise da esquerda que permanece... so que um momento de redefinição, e eu acho que esquerda passa por um processo de redefinição... e aí você participou do grupo, e agente não sabe se ele vai ser positivo, e eu tenho muitas duvidas... mas o movimento sindical não vai acabar nunca... agora ele pode ficar muito tempo assim como esta. Vai depender muito de como que a correlação de forças dessa nova oposição de esquerda... essa nova redefinição do mapa sindical, possa ser construído e sem que isso ocorra... o perigo que há nesse percurso e de se criar uma central sindical muito rápido, eu acho que esse é o grande perigo... eu acho que a ruptura, o processo de ruptura com a CUT que deveria acontecer em 93... eu vou por aquele ditado:antes tarde do que nunca... agora entre essa ruptura e a construção de uma nova central sindical, pra min há uma distancia a percorrer...Histórica e o rompe e constrói, esse rompe constrói tem que demorar... pra aglutinar, pra não ficar so hegemonizado por um setor que hoje ta fazendo isso como o PSTU. Eu acho que tem um grande risco né?... nessa conjuntura a principio, sob a minha trajetória no sindical houve um fator que eu gostaria de mencionar que também foi determinante na minha vida. Foi ter participado desde o inicio do Fora Collor... que até hoje é uma questão muito controversa que a burguesia, tenta colocar que o fora Collor foi uma bandeira da Rede Globo... que conseguiu aglutinar os carapintadas e aquela coisa não é verdade... o fora Collor foi uma discussão que surgiu no seio da esquerda brasileira e em todo o Brasil... o fora Collor surgiu no seio da esquerda brasileira que até então so ela que fazia a discussão do Fora Collor. Essa discussão do fora Collor começa a tomar um vulto pra massa... da esquerda para fora, eu me lembro que teve uma passeata no Rio de Janeiro, em que a articulação era contra o fora Collor.( Mergulhão:! A Articulação defendia o não ao governo Collor"). Eu me lembro que a articulação fez uma intervenção uma vez... o Marcelo Sereno... quando nos estávamos defendendo um carro de som grande, porque tinha uma perspectiva grande, de que a massa já estava querendo participar dessa luta... entendeu ... não era mais uma coisa de 500 pessoas do movimento sindical. Que agente fazia passeata com 500 mil.... e a Articulação disse pó pra que esse carro de som, só vai ter vocês no ato, nesse carro de som... um carro do som tão grande que vocês tão propondo... e ai nos fomos pra esse ato, esse ato atraiu praticamente ali na cinelândia... quase que 20 mil pessoas. Foi o primeiro ato que eles viram que o negocio não assim como eles tavam falando... que a questão do fora Collor passava por... vamos dizer assim... uma... as massas passam a ser protagonistas do fora Collor, sai da discussão da esquerda e passa pras massas no fora Collor. Principalmente vários setores das massas porque a questão da expropriação da poupança da pessoa pesou muito. Collor, não sei se você lembra... expropriou a poupança da pessoa. Todo mundo que tinha acima de 1000, ou equivalente talvez, era poquinho e pegou todo mundo. Ficou todo mundo preso... planos econômicos que não resolviam a questão das massas. Então nesse momento a articulação viu que... se deixar vai ficar na mão da esquerda. E os cara vão querer... entendeu?... e aí nesse processo todo. Eu me lembro que... aí nesse processo começa a se aproximar, os caras pintadas vem se aproximando também... aquela coisa dos caras pintadas...

e entra no cenário também a mídia. A mídia começa a entrar no cenário... e aí entra o PNDE... a base empresarial... e aí agente começa a ver que nos que forjamos o fora Collor. Começamos a ver que nos estávamos ficando... a força que vem da burguesia encima... no processo do fora Collor. Era muito grande. E aí tem um episódio que eu acho que é interessante mencionar... que eu me lembro que foi o penúltimo grande ato do fora Collor na lapa... (Mergulhão:" aí os setores de esquerda começam a trabalhar com o fora Collor. Eleições gerais") eleições gerais já pra poder manter a massa em movimento e dentro de um processo de avanço da massa. Que a massa tva radicalizada naquele momento... um movimento em que cidade com 5 mil habitantes fez passeata com mil pessoas, em todo Brasil. Então eu me lembro que foi um episódio que eu vivi e que talvez foi um dos mais marcantes na minha vida. Foi o penúltimo ato do fora Collor que naquela lapa ali devia ter... eu me lembro que aquilo ali tinha mais de 50 mil pessoas, é só cabeça, a lapa inteira.... foi montado um palanque ali na lapa e aí eu me lembro que no palanque tavamos nos, os protagonistas iniciais do fora Collor, e setores de esquerda que não tinham conseguido tirar agente ate agora. E aí eu me lembro que chegou a mim a lista de intervenções dos partidos e eu tava representando o PLP naquela época, e aí numa lista de 22 nomes o ultimo era eu naquela organização que eles fizeram a revelia das forças... da CS, da gente né? E aí eu fui lá e questionei e eu tava encima do palanque e aquela massa gigante, tava show acontecendo,tocando... e aí tava lá PMDB já, tava ali os partidos do governo quase todos, com exceção da direita mesmo porque o PFL não tava... não é igual hoje que já no governo Lula. Então naquela época eu me lembro que o PMDB, e outros partidos do campo da burguesia já chegando no fora Collor... ainda não tão bem definidos. E aí essa inscrição e eu em ultimo e eu falei não concordo. Mas porque você não concorda? Não porque esse critério... não... não nos contempla, nos tamos desde o inicio e somos iniciantes da questão do fora Collor, queremos disputar esse critério... e aí Ciro e Washington falaram que já ta certo esse critério contempla e que não sei o que, porque eles não podiam falar pelo PT, quem falava era o setor majoritário, mas eles me apoiaram naquele momento... o próprio Ciro que falava pela CS, Ciro tanta força que tinha o PT falando e a CS falava, e aí os capa la dos partidos burgueses viram que ali tinha uma esquerda que tinha força...e aí falaram assim... não, mas não tem como mudar o critério, aí eu cheguei e falei então vamo jogar pra massa pra massa decidir quem vai falar primeiro. Aí a Rosa Maria Murinho veio vê o que tava acontecendo lá atrás e tinha mais de 20 capa dos partidos no palanque, e aí a massa já desconfiada e(assovios) aquela coisa né... aí viramm que eu que era o centro da polemica e perguntaram, o que que você propõe... foi ate o Álvaro Dias que perguntou, eu falei eu proponho sorteio, porque no sorteio tudo era possível, aí perguntaram tem divergência com o sorteio?... aí um coçou a cabeça e olhou pra Washington, olhou pra mim e " Zé sorteio? " e eu disse sorteio. É a ... é o mínimo. E aí eu chamei o campo de esquerda... e os partidos concordaram.... e aí veio o sorteio e adivinha quem foi o primeiro sortiado pra falar.... eu .... então foi a maior massa que eu já vi na minha vida... eu me lembro que eu fiz um discurso que... eu coloquei essa questão de quem já estava naquele palanque... que agente já tava perdendo o controle da situação. Que a massa tinha que identificar que ali estava o PMDB e apontando um por um ... e olhando pra cara dos caras e a massa é...

outro momento interessante na minha intervenção que eles começaram a gritar PT e eu disse companheiros, nos votamos no Lula no 1º e no 2º turno, então eu exijo que escutem o PLP, e aí eles pararam.....

## **Fita 2-Lado A**

Nesse momento os companheiros começaram a gritar PT,PT,PT, e eu combati dizendo que nos também tínhamos votado no PT nas eleições de 89 né... então isso não justificava eles tarem interrompendo a minha intervenção, e eles param e eu continuei a minha intervenção e defendi a revolução socialista, defendi que a saída era revolucionária, coloquei a questão de um programa mínimo que se deveria aproveitar com as massas em movimento, questão da reforma agrária, a questão da dívida externa, a questão da luta contra o FMI. Fiz um discurso de quase 15 minutos, foi talvez aquele que mais falou...e eu falei primeiro e a Rosa Maria Murtinho encima de mim querendo me tirar o microfone e eu não entregava. Ultrapassei o meu tempo e fui ultrapassando e ultrapassando. Falei tudo que eu tinha que falar... e aí o que isso gerou?... uma tremenda controvérsia, porque naquele momento eu tava me tornando um... problema pra'quela articulação do fora Collor que já tava, jogando a coisa pra botar o Itamar e povo voltar pra casa. Veio o ultimo grande comício, o comício da candelária, o comício da candelária, um comício massivo, um grande comício, e aí aconteceu o episodio que eu... assim... por um lado triste, mas por outro que também me orgulha, porque eu acho que eu fiz o correto. Triste por que? Porque eu fui o único membro da executiva da CUT, dos 11 membros da executiva, impedido de subir no palanque. Não me deixaram... a segurança não me deixou entrar... eu tentei fazer maior escândalo lá fora. Na época não consegui nem apoio das forças de esquerda, porque na minha intervenção eu ia outra vez reafirmar tudo o que eu tinha falado na lapa. E naquele momento as forças que estavam ali já não podiam permitir mais isso, já tava traçado o destino do fora Collor... e eu apesar de ser um simples militante de um pequeno partido revolucionário. Sairia daquela questão do discurso... então o Maximo que chegou foi a questão do Ciro que colocou a questão das eleições gerais na sua intervenção, mas não colocou... ali não delimitou quais eram os setores que já tinham tomado conta do fora Collor, o Ciro foi permitido estar no palanque.... mas, eu não, porque o meu discurso na lapa pesou naquele momento... então quer dizer... ao mesmo tempo que foi um momento duro na minha vida, ate porque naquele momento o partido já estava bem despedaçado, como eu lembro. (mergulhão:" inclusive precisava haver um partido legal... apropriada esquerda caiu nessa armadilha") exatamente... na época... bem observado.... essa questão foi questão que eles alegaram pra que agente não subisse no palanque.... o nosso partido não era um partido legal, e aí apropriada esquerda não teve força naquele momento de combater essa tese.... e eu fiquei lá fora.... e eu recebi gesto de solidariedade que eu tenho que reconhecer, mas que não consegui mudar... por parte do Washington que era o presidente da CUT, companheiro que era do PT da força socialista, foi solidário, mas não foi suficiente pra evitar o que ... naquele momento e aí sim a rede globo já de controle da situação, com toda a aprovação da própria articulação passa a assumir o papel protagonico junto com a burguesia do desfecho do fora Collor... e aí por isso eu

me lembro dos primeiros discursos de Lula, após o desfecho do fora Collor, e eu nunca vou me esquecer.... “O povo pode ir pra casa que agente resolve lá no congresso”... esse foi o discurso de Lula no desfecho de fora Collor, então eu acho que os trabalhadores perderam mais uma vez uma grande oportunidade histórica em que a massa em movimento.... de dali partir pra alguma coisa mais.... um programa mínimo a nível de uma ....é proposta de que pelo menos seja no campo constitucional, mas que era a questão das eleições gerais. Que agente também incorporava, mas principalmente avançar num programa, porque a conjuntura ainda era favorável... e o que nos vimos com isso... aí entrou Itamar,né? ...privatizou a CSN, e aí veio todo o processo de privatização. Então eu gostaria de com muito prazer de interromper a entrevista aqui porque eu ainda vou ter que dar mais uma militada hoje aqui no congresso dos trabalhadores do Sintuff, pra depois retomar com muito prazer a questão do... dar continuidade e espero que seja proveitoso pro Diego a nossa humilde participação no movimento sindical e social brasileiro.

## **Fita 2- Lado A**

### **Continuação da entrevista**

**Pergunta:**Gostaria que você falasse um pouco da sua viagem para a Nicarágua e pra Cuba, e a partir dessa viagem contar o que mudou em você e na sua visão enquanto trabalhador?

**Resposta:**hoje agente vai ter que ter um pouquinho de paciência porque o meu filho tá aqui, e dar continuidade a entrevista... bom eu acho que essas duas perguntas são dois fatos que na verdade preenchem a lacuna que faltou toda do início da entrevista que são exatamente essas duas experiências que eu vivi, uma foi em 86, que foi a ida por terra a Nicarágua... eu fui de avião até um trecho, um trecho brasileiro... até Corumbá. E dali pra diante todo meio de comunicação que apareceu na minha frente... eu atravessei a cordilheira dos Andes, eu me lembro que um dos primeiros trechos que foi o de Samaipata a Oruro que eu fiz na carroceria de um caminhão de milho a granel, eu me lembro que naquele monte de índios... e depois eu na mala, era milho por tudo quanto é lugar, era muito milho. Agente tava lá encima do caminhão, então eu acho que essa viagem a Nicarágua, ela é parte de uma necessidade de ir a Nicarágua... porque?... em 79 havia triunfado a Revolução Sandinista, e isso moveu um setor muito grande do movimento revolucionário naquela época né? E essa curiosidade de conhecer um processo revolucionário contemporâneo que eu vivi praticamente... porque em 79 foi a época da anistia, das diretas e isso me levou a uma necessidade quase que orgânica de conhecer a Nicarágua, como eu não tinha dinheiro a opção era ir por terra. E aí saímos daqui do Brasil e eu sai sozinho, mas nos encontramos em Corumbá um parte, ao todo eram 7 pessoas, 5 mulheres e 2 homens. E nessas 5 mulheres tinha uma senhora chamada Felicitas que tinha quase 80anos e uma figura assim muito carismática, muito interessante. Então eu não vou entrar em detalhes sobre essa viagem ... e era uma época em que a cordilheira estava efervescência muito grande por causa da guerrilha Sendero Luminoso, no Peru, então era um momento de muito... vamos dizer assim, a cordilheira estava como

se diz assim... até em espanhol... ela estava em *candela* e tava assim no auge de um processo revolucionário que o Sendero Luminoso, crescia e tava um ascenso do Sendero Luminoso... e eu cruzei a cordilheira nessa época né... presenciei até episódio durante essa travessia e ... foi a travessia da cordilheira desci em Lima e fui indo pela costa... na tal da pan-americana... e aí me defrontei com um dos fatos mais importantes, talvez mais interessantes que aconteceu na minha vida, que foi cruzar a cordilheira e o golfo de Darien, da Colômbia pro Panamá por terra. Eu acho que é uma viagem que poucas pessoas fizeram por terra, poucas pessoas fizeram... eu acho que talvez eu vou viver uma vida inteira e não vou conhecer uma pessoa que tenha feito essa viagem. Esse trecho de viagem. E aí consegui chegar a Nicarágua... cheguei a Nicarágua em fevereiro de 1986. eu me lembro que foi fevereiro de 1986, eu tinha saído do Brasil em novembro de 85, passei natal e ano novo tudo nessa... nessa busca de Nicarágua... porque o meu... tudo foi interessante, pra vocês terem idéia de como eu estava obcecado pela Nicarágua, eu passei por Cuzco e não fui a Machu-Pichu... porque a pressa de chegar a Nicarágua era tamanha e se eu fosse a Machu-Pichu eu ia perder muito tempo... não ia perder tempo... mas na minha visão eu ia perder tempo e dinheiro que era pouco... ou eu optava em ir em frente... ou talvez eu não chegasse a Nicarágua. Então foi uma opção dura, uma opção difícil. Machu-Pichu me tomava mais uma semana. Talvez mais pelo caminho dos Incas né... e isso seria... e eu não tinha dinheiro pra ir nas coisas de turistas, eu teria que subir pelo caminho dos Incas né... que era a forma de ir caminhando... então eu optei por não ir dessa vez, mas talvez um dia eu volte a Machu-Pichu... então cheguei a Nicarágua já bastante... naquela época... uma travessia... foi um momento muito importante na minha vida. Eu consegui atingir um objetivo praticamente sem dinheiro né... eu me lembro de ter saído do Brasil com 300 dólares. Então eu fiz essa viagem toda de 3 meses com 300 dólares, economizando assim... eu me lembro que eu cheguei a Nicarágua, próximo a 100 dólares. Imagina como eu passei esse tempo todo né os hotéis que eu ficava era tudo de 1 dólar... tinha que ser tudo de 1 dólar... em todo lugar tinha hotel de 1 dólar nessa travessia... cordilheira dos Andes é um lugar realmente muito pobre... é eu acho que aí agente compreende melhor até a obra do Mariátegui, e eu comecei a tomar essa compreensão na obra dos sete ensaios, porque ele separa a questão indígena e coloca os 2 Perus existentes, o da serra e o da costa. E aí agente começa a compreender a obra do Mariátegui passando pro ali. Vê toda aquela região... outro fator que eu nunca mais esqueci também. Foi o fenômeno da natureza mais interessante que eu vi, naquelas montanhas secas surge a água, que vai formar os rios, e que vai formar o rio Amazonas. Você vê aquele monte de olho d'água nas montanhas e é uma coisa tão impressionante... tanto no aspecto político me marcou a cordilheira, quanto no aspecto natureza... uma vista deslumbrante que só lá existe. Eu me lembro que foi a única vez que eu senti neve cair em mim, e neve no alto plano, você imagina isso heim... foi uma geada em dezembro. Em dezembro, a 4 mil metros de altura que é Oruro que está do nível do mar. O titicaca também tá próximo disso... então foi uma experiência na minha vida... determinante na minha formação, eu acho que experiência européia, em 86 essa viagem até a Nicarágua... até Manágua que a contra-revolução na Nicarágua tava forte... tive que ter bastante cuidado e dei bastante sorte... eu tenho que considerar que eu dei bastante sorte, apesar de não

contar bastante com a sorte. Eu reconheço que eu dei bastante sorte, passei 2 zonas de difícil passagem. E essa... demarcou assim pra mim como trabalhador definitivamente. A questão da cordilheira dos Andes, a questão da Nicarágua e como ... o que, que tava acontecendo nessa parte do mundo né?... porque nessa cruzada eu cruzei Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica... Nicarágua. Foram 7 países que eu cruzei nessa viagem. Então juntou o aprendizado que eu tive na Europa mais esse componente... e aí já emendando com a outra pergunta. Em 87, um ano depois eu fui conhecer Cuba, que era outra perola da minha geração. A Cuba revolucionária que... um pouco tarde, a revolução triunfava em 59 e eu fui conhecer quase 30 anos depois. Ainda peguei Cuba antes do período especial, e foi um componente que faltava e que completou praticamente a minha formação. Europa, cordilheira dos Andes e Nicarágua, e agora cuba em 87. relação com Cuba foi uma coisa assim... muito forte. Que eu me lembro que chegando a Cuba e convivendo com o povo cubano... uma das coisas que mais me marcou em Cuba nessa primeira viagem foi a relação do povo cubano com o dinheiro. O dinheiro naquela sociedade de 87 não era preponderante, ele não tinha a importância que tinha na sociedade que eu vivi e que eu conheci. Eu me lembro que tinha uma propaganda. Que os ônibus naquela época... cuba tava vivendo um período já de... fazendo a sua forma de fazer uma auto-crítica dos erros. Cuba tava fazendo uma auto-crítica dos erros, e eu me lembro que .... e também essa auto-crítica era uma auto-crítica pública. Por exemplo, eu me lembro que uma frase que eu encontrei dentro dos ônibus, os ônibus não tinham trocador, as pessoas pagavam voluntariamente. Como uma contribuição voluntária... e aí eu me lembro que tinha um cartaz dentro do ônibus que me marcou muito né... é, esse cartaz dizia o seguinte:” as pessoas que deixaram de pagar o ônibus no período passado, somou uma quantia X. com essa quantia daria pra construir mais 10 escolas, tantos hospitais, quer dizer é uma forma de você fazer propaganda e mostrar quanto é importante as pessoas darem a sua contribuição na sua passagem que era baratíssima. Pra poder ser aquele dinheiro revertido pra própria pessoa. Isso foi uma passagem que em cuba me marcou muito e a relação do povo cubano com o dinheiro. O dinheiro naquela sociedade não era o mais importante pra'quele povo. Isso foi uma coisa que... essa educação, e toda aquela propaganda da revolução nas ruas de Cuba, então aquilo foi pra mim, uma coisa assim grandíssima, conhecer a obra da revolução cubana, agora de mais próximo. Comprar livros, eu me lembro que em Cuba, a primeira vez que eu estive em cuba, eu comprei uma biblioteca e com 10 dolares eu comprei 100 livros. Livros... companheiro de qualidade, então... mas, aí uns podem dizer... mas, é com dinheiro da antida URSS, não interessa. Então quer dizer... os cubanos usaram bem aquele dinheiro, porque pra cubano livro era muito barato. Outra coisa que eu observei dentro dos ônibus. Foi a questão de como o povo lia, você olhava dentro dos ônibus, era 10 pessoas tudo lendo. Aquela sociedade debruçada encima da leitura e aquela facilidade do livro, e a importância da educação... então isso tem até hoje reflexo na sociedade cubana, essa educação da sociedade cubana não é a toa, é porque existiu toda uma cultura do livro e da leitura... muito importante. Outra coisa que também... são símbolos que te marcam quando você conhece um lugar.... eu me lembro que na porta da universidade de Havana. Tem um estatueta em homenagem a Julio

Antonio Mella, que foi o Mariategui cubano, no caso. É o fundador do PC de Cuba e um homem que escreveu muito, teorizou muito sobre a teoria revolucionária, e um tremendo quadro político. E eu me lembro que tem uma frase dele na porta da Universidade de Havana que é inesquecível, e diz o seguinte: “ lutar pela revolução social na América, não é uma utopia de loucos ou fanáticos, é lutar por somar aos passos da História”. Então essa frase do Julio Antonio Mella, é uma coisa que me marcou muito durante a minha primeira estada em Cuba, que depois voltei em Cuba em 89, 2 anos depois, depois já como militante sindical, voltei em 92, depois continuei desenvolvendo esse laço. E um pai de um amigo me disse... “Zé você está se tornando um turista de um só país” e realmente foi um grande período e a curiosidade de ir aprofundando e conhecendo a revolução cubana, foi me atraindo a Cuba diversas vezes. Então toda vez que eu tinha uma oportunidade e algum dinheiro no bolso... Cuba . e eu fiz uma viagem também dessa com o companheiro Luis Mergulhão que tava na primeira parte da entrevista, e aí sobre Cuba o que aconteceu, o mais grave foi o fim do leste. E Cuba tá aí até hoje... eu me lembro que em 93 quando eu fui fazer um curso de quadro sindical em Cuba, passei quase 3 meses, passei a crise junto na época e não tinha nada pra comer e pra beber ... uma coisa assim, foi uma tremenda crise. Se você quiser agente pode aprofundar mais um pouco... então essa minha viagem a cordilheira dos Andes, o conhecer Cuba e a minha relação com Cuba, foram determinantes. Formou minha vida definitivamente... e eu acho que dizer definitivamente é uma coisa até meio complicado, mas eu acho que agora... eu acho que não dá mais pra mudar, o caminho que eu escolhi é esse. E eu acredito que o exemplo de Cuba e o exemplo de Nicarágua, e o sonho, as utopias revolucionárias são o que me alimentam hoje na vida.... tudo pode acontecer, mas essas coisas são um pilar na minha formação. Inclusive que até ajuda outras deficiências que agente tem na vida pessoal. Esse é um pilar chave pra você se manter em pé, entendeu? Mesmo com a caída do leste e tudo que ocorreu, essa questão do leste europeu, agente tem uma análise mais crítica de tudo que ocorreu, mas ao mesmo tempo não mudou a nossa formação, não alterou a minha formação. Porque, você sabe que com a caída do leste aconteceu muita coisa na esquerda, foi como uma bomba na esquerda, agente tem até discutido muito isso... e uma parte da esquerda revolucionária que não estava consolidada na América Latina,... Pulverizou, implodiu, a que tava mais consolidada, essa agüentou, os casos na Colômbia, e o desenvolvimento de outras forças políticas em outros lugares... por exemplo, nos que fazemos parte de uma fração revolucionária na época, com o fim do leste aqui no Brasil.... nós implodimos. Nem isso me serviu pra me jogar num campo a direita. Acho que aquela implosão me atrapalhou e me confundiu naquele período mas, logo, logo a minha formação como trabalhador , ela me ajudou muito, e aí esses três conhecimentos foram elementos, super importantes na minha formação.

**Pergunta:**Ao longo da sua primeira fala você falou que no 4º congresso da CUT, por conta de suas divisões internas, a CUT perde a sua identidade de luta e deixa de ser um instrumento de mudança para os trabalhadores. E aí eu gostaria que você falasse um pouco sobre a atuação dos sindicatos hoje e comparasse com o início.

**Resposta:** Eu...eu acho que a CUT surge como uma referência de luta pra classe trabalhadora. Ali todo lutador do movimento social, ou que quisesse se tornar um lutador, via na CUT, como eu vi no início, uma possibilidade concreta de você sair daquele horizonte da luta sindical,... você com uma categoria X, pra ir pra uma luta maior em que várias categorias convergem e aí você vê que a luta do trabalhador, independente de ele ser bancário, engenheiro, metalúrgico ou professor, os problemas são muito parecidos, ou seja, a exploração do trabalho humano. Então a CUT, era... a visão que agente tinha da CUT naquela época da construção, era que ela se tornava um instrumento de luta contra essa exploração. Então quer dizer... a CUT realmente, a central sindical de luta nos da essa possibilidade, de você sair do seu umbigo, que é a sua categoria e somar esforços conjuntos, juntos com os trabalhadores que tem o mesmo problema que você, mesmo que o deles seja diferente do teu, são trabalhadores convergentes, trabalhadores lutadores que se convergiam na CUT. E essa convergência se dá de forma muito interessante. E eu acho que é uma fraternidade, foi um momento de grande... grande é... é uma coisa muito importante que ocorreu foi a criação da CUT com essa expectativa, só que aí depois que agente consegue construir a CUT, ali dentro começam a surgir diferentes visões de tocar a luta sindical né?... as grandes divergências do movimento sindical, pra mim elas são históricas, estão desde a origem do movimento sindical pegando a questão do anarquismo, desde da época do anarquismo que foi quem trouxe movimento sindical pro Brasil, e até os dias de hoje, ou seja uma visão do movimento sindical que acha que pra mudar o mundo pra mudar o sistema de exploração, você precisa aglutinar força e ajudar politicamente na formação dos trabalhadores pra criar uma nova hegemonia que você enfrente, através do movimento sindical essa hegemonia capitalista de exploração, então lá dentro da central começam a convergir idéias de que o aparelho... a central única dos trabalhadores não podia participar dessa luta política, é a visão que a central única dos trabalhadores tinha que ser um instrumento de lutas meramente econômicas, e setorializadas, começa há haver uma setorialização do movimento sindical. Então agente começa a alertar, e começa a ver que essa força de setorialização, ou seja, criar câmaras setoriais, pra você perder o horizonte da discussão macro política, você passa a criar as câmaras setoriais da educação, câmara setoriais dos metalúrgicos, e aí você setorializa o movimento sindical. Então isso pra mim foi uma forma de... vamos dizer assim... de quebra da coluna vertebral do movimento sindical, a setorialização do movimento sindical. E isso começa a tomar um vulto dentro da central... de muito...é muita força, essas duas vertentes no movimento sindical, a outra vertente que é a vertente que além dessas lutas econômicas que são importantes, onde você atrai o trabalhador com as lutas econômicas, você tem que somar isso a luta política do trabalhador pra mudar... pra ajudar a mudar o sistema. É diferente, não é transformar a CUT, ou qualquer central lutadora num partido político revolucionário, é você somar esforços com o conjunto do movimento social, na luta contra a exploração do trabalho. Você ajudar na formação do trabalhador pra isso, se isso um dia gerar... vamos dizer assim... força suficiente pra no momento em que o povo numa tomada de consciência coletiva queira mudar um regime e exija um problema revolucionário, se a CUT puder ajudar, tudo bem é até muito melhor, essa é a coisa, não é transformar a CUT.... como fizeram essa

acusação,"você quer transformar a CUT num partido revolucionário, não era isso, isso era uma forma de queimação que houve na época, era bem diferente do que nos estávamos propondo... então o que ocorre, dentro do quarto congresso, ocorre o inusitado... um empate numa votação mais importante que dividia o aparato sindical da central única dos trabalhadores, dali pra frente na sua vida, so que naquele momento a articulação sindical que era a maior força política, já estava comprometida no mundo inteiro com setores ligados a SIOLS, que uma entidade ligada... fundada nos EUA, pelo sindicalismo Mafioso, pelo sindicalismo Mafioso Americano, que apoiou as ditaduras militares em toda a América Latina, e não negaram isso... num debate eu me lembro que eu vi... eu questionei a representante da SIOLS que veio ao debate no sindicato dos bancários, eu questionei e ela confirmou. "Não,nos apoiamos sim, mas hoje estamos diferentes" como se apoiar uma ditadura militar fosse uma coisa que do dia pro outro que ficou diferente. Não muita gente morreu, muita gente foi torturada, muita gente foi sacrificada, muita conjuntura política foi alterada com os golpes militares, como é o caso do Chile e do próprio Brasil que vinha num processo de crescimento democrático, nas lutas pelas reformas de base, reforma agrária, reforma na educação. Abortou... as ditaduras militares abortaram muita, muitos processos... então uma formação... isso ocorreu dentro do congresso, uma fraude que no empate da votação,essa fraude e a articulação não aceita abrir a urna de votos separados, que daria a vitória pra esquerda e dividiria o aparelho sindical, 50% pra cada um praticamente, ou seja, na correlação de forças, controlar o aparelho sindical naquele momento era muito mais importante pra articulação do que qualquer outra coisa, eles não podiam perder o aparato, pra isso podendo chegar ate a fraude, que foi o que fizeram, a porrada quebrou, o congresso acabou sem fim, ele acabou ali mesmo e aí o que ocorreu, que dali pra cá, de 92 pra cá, eu considero e talvez tenha até um pouco de exagero, porque tem alguns casos de lutadores que conseguiram ainda, mas eu considero a década perdida no movimento sindical brasileiro. E agora que ameaça agora com uma retomada que passa 10 anos depois, como nos tamo vendo agora na conjuntura, desfiliação da CUT, é o que está hoje colocado na conjuntura de vários sindicatos, eu pra mim tenho a leitura de que a desfiliação da CUT se daria em 92. Só que a esquerda não foi capaz de tomar essa decisão. Porque eu acho que a esquerda também no soube se modificar, não soube aproveitar o momento político pra gerar uma política diferente do setor majoritário da Articulação, eu acho que a esquerda também errou, errou e nunca fez auto-critica, eu acho que isso é fato. Você quando comete um erro, você precisa fazer uma auto-critica pra você avançar, eu acho que nesses 10 anos também....

## **Fita 2- lado B**

... esses 10 anos foram assim realmente na época em que a Cut perdeu totalmente a sua referencia com entidade de luta, você pergunta hoje aos trabalhadores, eles não a reconhecem mais como entidade de luta, perdeu a principal bandeira do movimento sindical que é a greve geral, a greve geral é um instrumento legitimo da classe trabalhadora que a central sindical não pode perder, se perder meu amigo, alguma coisa ta errada, porque é uma bandeira que pode abrir horizontes em momentos de acirramento. Num momento em que

você... até num momento de explosão social, do tecido social, uma greve geral tem como você aglutinar as forças que estão... insatisfeitas e dali partir pra uma discussão do novo, ali a CUT perdeu essa principal bandeira. Então é muito grave, e eu acho que o movimento sindical tá passando por um momento, que ou ele redefine uma nova esquerda e agora com um complicador de que um outro setor aderiu ao governo Lula, muito grande né... e eu acho que o movimento sindical passa por um momento de redefinição de uma esquerda, porque tá difícil até dizer quem é de esquerda hoje, se vocês forem analisar o quadro hoje dentro da central, ou dentro dos trabalhadores, dos lutadores, você vai ver que é difícil você redefinir. Então eu acho que hoje passa por uma redefinição do que é esquerda. Acho que passa também por uma desfiliação a CUT, que ela perdeu essa referencia e é a hora de desfiliar. So que essa discussão de desfiliação da CUT pra mim tem que aproveitar pra poder resgatar também a base nessa discussão, aproveitar... transformar essa discussão em instrumento político, e aí buscar... é você desfilia da CUT e começa a construir uma nova alternativa de uma intersindical que não pode ser, uma nova central agora, e isso até é um perigo que corre, a criação de uma nova central agora buscando a hegemonia de qualquer setor pode abortar o processo, e agente passar 10 anos sem nada. Ou a criação de uma nova central que signifique muito pouco ou nada... acho que é um momento muito difícil dos lutadores sociais que estão hoje dentro do movimento sindical, muito difícil... vai demorar é um processo lento porque o governo do Lula hoje é um governo que atraiu vários setores pra dentro da barca do governismo. Então acho que é isso o movimento sindical vive uma grande crise, a esquerda também, e como toda crise é momento de mudança, esse é um de redefinição.

**Pergunta:** Como você vê o impacto do desemprego nos últimos anos, e como ele mudou a sua atuação no sindicato e a de seus companheiros?

**Resposta:** Olha essa pergunta é uma pergunta muito importante... realmente eu acho que... quem conhece um pouquinho de marxismo e eu acho que... o marxismo me ajudou muito na minha formação, e eu acho que o pouco que eu conheci de marxismo, eu acho que não foi tão pouco até por uma questão de não querer... eu acho que eu tive bons professores de marxismo. Eu acho que na época já do Marx já se falava no desemprego, eu tenho até um texto aqui do Bertolt Brecht, e eu te dei um poema do Bertolt Brecht que ele fala e é muito atual e eu até recomendo que você coloque... e o texto do Brecht fala sobre o desemprego e naquela época o exercito de desempregados do marxismo... e toda uma situação em que o capitalismo precisa do desemprego pra ele poder ter esse exercito de desempregados pra fazer a mão de obra não subir muito. Toda essa coisa que se sabe, so que é... nos estamos vivendo um periodo da revolução tecnológica dos últimos 20 anos, e a revolução tecnológica somou a esse desemprego, do marxismo que é esse exercito de desempregado, mais uma quantidade gigantesca de trabalhadores que a revolução tecnológica veio e jogou na vida, como dizemos na pratica, no dia-a-dia, então somos daquele exercito de desempregados é ... a coisa cresceu com o desemprego brutal, crônico, incontrollável que criou uma nova camada no mundo nas ultimas 2 decadas de excluídos, excluídos de qualquer coisa, os excluídos sociais. Esses excluídos sociais vem nessa nova leva de desemprego, causado em parte pela revolução

tecnológica, e em parte também pela questão da própria... da própria é... principalmente pela revolução tecnológica, principalmente a qualidade total, todas as novas nomenclaturas que surgiram que trabalhou e transformou a questão do desemprego, num desemprego crônico, chamado por István Mészáros, por desemprego canceroso. Então eu acho que isso cria realmente uma situação incontrolável no terceiro mundo, em que ele chama, o Mészáros tem umas coisas muito interessantes que é dele, que ele chama o Imperialismo nessa fase atual que ele se encontra, na sua fase fatal, ou seja, ele tem uma necessidade tremenda de continuar crescendo, agente vê essas coisas da busca pelo crescimento, porque se ele para de crescer e se expandir.... o imperialismo pode quebrar, que significa, a indústria bélica vai fazer o que, com essa produção gigantesca de armas. Ela precisa de guerras, ela precisa de guerra, ela precisa criar guerra, então por isso a guerra na Colômbia, a guerra no Iraque, guerra no Afeganistão, as guerras na África, isso tudo é fruto do imperialismo na sua fase fatal e eu concordo com o Mészáros. Eu acho que o desemprego, ou seja, a falta de opção de trabalho pra um ser humano, é o pior que pode acontecer na vida de um ser humano. Eu acho que um ser humano sem a possibilidade de seu trabalho, sem a possibilidade de sustentar a sua família, tem o direito de sobreviver. Por isso que eu acho que muitos "bandidos" da nova sociedade são muito menos bandidos do que muitos que estão por aí afora de colarinho branco, ou seja, eu acho que o direito ao trabalho, é o mínimo que o sistema teria que dar ao seu... ao seu povo, e nem isso mais, o capitalismo resolve, ou seja, muito pelo contrário, o capitalismo tenta chamar esse desemprego de desemprego estrutural pra tentar amenizar essa coisa do desemprego, porque desemprego estrutural.... amanhã muda a estrutura melhora a estrutura e melhora a coisa. Não, é um desemprego crônico, é um desemprego que tá levando a milhares de trabalhadores a .... ao crime, milhares de trabalhadores estão se transformando em criminosos pra poderem sobreviver, por isso que eu perdô uma grande quantidade de trabalhadores que chegam na sua casa, e não tem nenhuma perspectiva de emprego, de trabalho, não consegue entrar através do mercado informal, porque no informal, você precisa de um mínimo de capital, ou por não ter o capital ou ter vivido numa fábrica a vida inteira... é igual naquele filme tempos modernos, o cara só sabe fazer aquilo né... fora daquilo ele não tem vida. Então o que, que ele vê, filhos em casa pra criar, as vezes mulher que numa sociedade discriminatória não tem o trabalho, que trabalha em casa e que tem que dar comida aos filhos. Esse cara chega em casa, 1 noite, 2 noites sem nada e as crianças começam a chorar, ele tem o direito de ir a luta lutar pra sobreviver. É uma questão humana, nós somos... agente não pode esquecer que nós somos animais... pensamos, pensamos, mas num momento como esse podemos deixar de pensar, e ir pra ação concreta e ir pra caça. Então hoje milhares de trabalhadores no mundo estão indo pra violência principalmente nas grandes cidades, para sobreviver, é a grande verdade. É a luta pela sobrevivência, o homem tem esse direito, principalmente por se tratar de um animal, mesmo que seja um animal com inteligência... porque certas horas eu acho que pra falar da situação dessas pessoas não é fácil, e muitas vezes agente vê gente falando que isso é bandido mesmo, que isso... porra nenhuma! Fica desempregado com 2 ou 3 filhos pra criar, e aí sim você pode fazer uma análise da situação que tá ocorrendo hoje com o desemprego. Eu acho que o trabalho

dignifica o homem, o primeiro passo pra tomada de consciência é o trabalho, depois que você tem o trabalho, você passa a buscar mais, você não quer só o trabalho, você quer o trabalho, mas você quer também ideologia, quer também pensar, você quer ir pro trabalho e pensar. Uma nova fase, mas a primeira é a que antecede o trabalho. O homem tem que ter o trabalho se faltar o trabalho.... agente tem que desculpar muita coisa que ta ocorrendo hoje. Porque realmente... tem dados assustadores, tem dados que dizem que 20% da classe trabalhadora útil com o seu potencial de trabalho esta desempregada. E 42% ta no mercado informal, fazendo um trabalho infeliz, só pra sobreviver, não é o trabalho que ele gostaria de fazer. Tem muitas pessoas até com formação superior que tão no mercado informal, vendendo docinho aqui, ou vendendo bandeirinha, ou vendendo livro, ou indo pra rua... então quer dizer, nos tamo vivendo uma situação de desemprego e na CUT agente já enxergava isso na época, eu me lembro que a luta dos camelos no Rio, que começaram no final da década de 80, não foi de agora, a secretaria de políticas sociais, era onde trabalhavam os camelos, junto com nos na CUT, tinha secretaria que não queria saber disso não.... isso aí manda lá pra política social, camelo é lá com o Zé... e também vivemos grandes confrontos no Rio, e muitos companheiros já ouviram falar nos confrontos dos camelos no centro do Rio. Agora posso dizer, que se eu dissesse naquela época poderia ate ser preso... mas, agente participou de muitos confrontos e tivemos o prazer de dizer... e nos confrontos estar conversando com eles sempre... indo pra rua... então quer dizer naquele momento também dentro da CUT já tinha aqueles setores que não conheciam aqueles setores, porque não tinham carteira assinada. Eu posso citar um companheiro, se o companheiro quiser alguma fonte, que ta até hoje no movimento dos camelos, e o companheiro se chama Ibsom que é uma referencia do mov. no Rio, e nos temos ate hoje uma relação de... muito importante , ele compreendeu porque eu saí da direção do mov.sindical, compreendeu a minha decisão de me afastar do movimento... porque eu já sentia que o movimento só queria trabalhar com o pessoal de carteira assinada. então perdeu essa perspectiva da questão da luta contra o desemprego. Teve que surgir movimento de desempregados, porque a CUT não cumpriu mais com esse papel. A CUT se tornou uma entidade burocratizada, pelega e que não cumpriu o papel de ocupar o espaço do desemprego. Vamos dizer assim... congrega a luta dos desempregados na cidade. Então... é o movimento sindical é um aspecto que... também pesou, porque cada vez mais trabalhadores.... vou dar o exemplo dos metalúrgicos de Niterói, que foi uma categoria de luta, o sindicato perdeu praticamente... todos... 90% dos seus sindicalizados. Então como que esse sindicato vai brigar se não tem mais sindicalizado. Então quer dizer... a questão do desemprego, ela não é um problema da sociedade em si, ela também é dos movimentos sociais. A questão do desemprego é uma bandeira de luta hoje, que tem que ser tocada pelos movimentos sociais, seja ele do campo ou da cidade, e o MST ta fazendo isso. Eu agora há pouco tempo visitei uma ocupação do MST em Mangaratiba, Olga Benário, e 90% da formação daquele acampamento era de desempregados da cidade.não era camponeses, é uma nova conformação do próprio sem-terra, porque as pessoas desempregadas na cidade tão sendo atraídas a tentar uma perspectiva nova com o MST, com uma perspectiva do trabalho, porque já perderam a esperança do trabalho na cidade. Então o

trabalhador quando perde a esperança, meu amigo... ele tem direito a ir a luta, ele tem direito a lutar, ele tem direito a trazer alimento pros seus filhos, e aí companheiro que entra aquela coisa do narcotráfico nessa discussão que estende o braço, as vezes ajuda... e aí se torna um problema social. Você vê comunidades carentes protegendo o narcotráfico e o movimento, nas favelas do Rio de Janeiro, porque, esse movimento ta cumprindo um papel que o estado não cumpriu, emprego... ele não tem mais esperança, são pessoas que perderam a esperança, são excluídos... e como excluídos tão fazendo a sua forma de lutar. Não tem central pra se aglutinar, não tem movimento sindical, você procura os meios que te estendem a mão... entendeu. Então, eu acho que é muito grave a questão do desemprego, e é pra mim a prova incontestante de um fracasso de um sistema. Que tem que trabalhar com a exclusão, reconhece a exclusão, e tenta através de assistencialismo compensar os excluídos..... e eu acho que é por aí a questão do desemprego.

**Pergunta:** Como é o seu trabalho? E você está satisfeito com ele?

**Resposta:** Olha... é mais ou menos... eu poderia dizer, eu na verdade eu sou engenheiro civil. Eu não posso... pelo fato de conseguir terminar uma universidade, na época em que eu completei, eu já sou um privilegiado nessa sociedade, e já parto desse principio, eu como engenheiro civil, eu posso até te dizer que o capitalismo pra mim não seria um mau regime. Porque, de cara eu já tenho uma formação que quase 80% dos brasileiros não tem, eu ao formar engenheiro, engenheiro tem uma vantagem, eu por exemplo trabalhei muito tempo em obra, eu sou incorporador, se eu tiver dinheiro, eu construo um prédio, e vou fazer a bola de neve, mesmo com dificuldade, eu preciso do dinheiro pra começar. Então quer dizer, como eu vivi numa época... eu me formei ainda na década de 70, em 75. eu peguei uma parte do milagre econômico em que tinha grana e tinha obra, então como o salário da universidade sempre foi muito baixo, dava pro básico. Eu sempre tive que ter um outro serviço pra completar uma renda, pra poder construir uma casa pra mim, então eu acho que ate dentro do próprio capitalismo, o fato de eu ser engenheiro me possibilitou... é vencer, não no sentido de felicidade, mas no sentido das coisa materiais. Eu tenho uma casa, eu tenho uma possibilidade de leitura e de discernimento que a maioria da população não tem, então quer dizer...o capitalismo pra mim, não seria um regime... eu poderia me incluir nele, viver bem, ali, viver bem no capitalismo... a opção de.... foi uma opção ideológica... eu na verdade sou um traidor da burguesia, e não sou o único, como Engels foi um traidor da burguesia, como o próprio Cazuza na sua forma de dizer... sem ser um militante.... a burguesia fede, entendeu, eu me considero mais um traidor da pequena... e do pensamento burguês, eu poderia muito bem me encaixar no perfil de um burguês e pá, pá, pá... e ser bem sucedido como incorporador, talvez numa empresa de engenharia, ou criar uma empresa de engenharia e ganhar muita grana. O movimento sindical não me permitiu isso, uma grande parte da minha vida, e eu não tenho nenhum arrependimento, muito pelo contrario, me trouxe outra parte que é a questão ideológica da formação, da relação... no mundo do trabalho, de forma... com ideologia, a relação... isso tudo me proporcionou a minha tomada de consciência. Então .... repeta a pergunta que eu acho que eu ate errei....*EU: "como é o seu trabalho?..."* ah! Sim.... então veja

bem, o meu trabalho, em parte ele me satisfaz no sentido em que eu estou ocupado, em que eu estou trabalhando e não estou desocupado, trabalho na minha profissão, e sei bem da minha função, eu me considero, sem demagogia, um bom trabalhador qualificado. Conheço a minha profissão a fundo, em todos os ramos da minha profissão, o que eu não conhecia eu procurei estudar, que é a parte que eu mais gosto que é hidrologia e mecânica dos solos, que não é ciência exata. Eu também sou calculista, sei calcular prédio, eu olho prédio e vejo o osso, que é visão de engenheiro, é aquela coisa, você olha o prédio e vê o prédio, eu vejo o osso. Eu vejo lá dentro os ferros e como eles trabalham, as forças, como que elas se conjugam no prédio. Trabalhei em fundação de grandes prédios, e eu vou te dar um exemplo, o BNDS, eu trabalhei no projeto, da fundação do BNDS, num período em que trabalhei numa empresa privada, trabalhei em vários projetos, em rodovia... quer dizer, o meu trabalho, ele me trouxe felicidade até um certo ponto, hoje o que eu mais gosto é História, e Ciências Sociais. Então, eu estou engenheiro porque eu preciso sobreviver, mas eu gosto mesmo hoje, e o que mais me atrai hoje é a história. Então, eu não posso reclamar, porque seria uma prepotência da minha parte, no mundo do desemprego, eu estar reclamando de um trabalho que é a minha formação profissional. Só que a questão da história e das ciências sociais, é muito mais importante. Então eu ando um pouco frustrado, porque eu gostaria mesmo hoje estar aprofundando a questão da história todo o tempo e não estar trabalhando mais, eu cansei de trabalhar como engenheiro. Continuo e vou até me aposentar. E o Lula me deu mais 6 anos com a reforma da previdência. Então é uma situação assim, eu acho que é aquela coisa da dialética, você está feliz por estar empregado, num país do desemprego, no mundo do desemprego, mas ao mesmo tempo, o trabalho como engenheiro só me contempla em partes, porque o que eu gosto hoje mesmo é história e ciências sociais, é conhecimento, é poder estar... eu gostaria de poder conhecer a China, gostaria de ..... sonhar, sonhar, quem não.... é um direito que agente tem de sonhar com as utopias, e isso é outra coisa que me dá muita.... apesar da angústia em que agente vive de não poder fazer as transformações, de não saber se agente vai fazer as transformações que agente gostaria, ainda mais tão distante outra vez com o Lula. E... a felicidade de você poder sonhar com as utopias né?... então eu acho que por exemplo, sobre o meu trabalho, só pra concluir essa pergunta... Eu acho que eu estou feliz, sim e não...

**Pergunta:** O que significa pra você ser Um trabalhador?

**Resposta:** Olha essa pergunta ela é.... Muito difícil de responder... eu acho que ela é tão profunda. É difícil, porque pra uns o trabalho pode significar a sua forma de sobrevivência..., e pra outros pode significar..., e aí eu vou me incluir nisso, que além de ser uma forma de sobrevivência, é aonde... me ajudou na minha formação, eu acho que eu ter sido um trabalhador influenciou decisivamente na minha formação, essa sim pro resto da minha vida. Eu acho que o trabalho, ele pode servir de fonte de dignidade humana, mas, mais além do que isso, além de fonte de dignidade humana, ele pode servir como instrumento de formação humana, de formação humana e de vida em coletivo, eu acho que o trabalho, e pra mim ser trabalhador... eu tenho, e é um motivo de muito orgulho. Eu me sinto assim um trabalhador que... é...é, tudo pra mim foi difícil, e o trabalho, e através do trabalho

eu conquistei, tanto a sobrevivência, quanto... eu adquiri... é... consciência política, através do trabalho, e adquiri... possibilidade de como trabalhador de até poder ter filhos, e assim me comunicar como conjunto da classe trabalhadora, a formação através do trabalho me deu essa possibilidade. A minha relação com o mundo do trabalho me deu uma possibilidade.... me abriu horizontes, de pesquisar coisas fundamentais como por exemplo a minha relação no mundo do trabalho, me possibilitou a tomada de consciência e isso, pra conhecer um pouco do mundo. **Eu acho que ser trabalhador pra mim é a coisa mais importante da minha vida.**

Eu acho que ser trabalhador , é uma coisa assim que... agora eu acho também, é por isso que eu acho que é sempre aquela coisa, sim e não né... agente fica falando que ser trabalhador é a coisa mais importante da minha vida, mas você imagina uma pessoa que vive até hoje do trabalho escravo. É antagônico ao que eu to dizendo aqui, entendeu... porque essas pessoas que vivem do trabalho escravo não vão ter a compreensão que eu tive do mundo do trabalho. Então por isso que eu acho que ser trabalhador é uma daquelas respostas que... pode ser altamente positivo, como pode ser altamente negativo, pensemos no outro extremo da coisa, o trabalhador que trabalha no trabalho escravo, ele não vai poder responder a mesma coisa que eu to te dizendo. Então agente tem que pensar nesse aspecto, que ao mesmo tempo que eu me realizei porque eu adquiri consciência, porque eu adquiri conhecimento coletivo, eu me realizei entre aspas. Quando eu vejo hoje o mundo trabalho, os trabalhadores brasileiros vivendo nessa completa e quase... e agente vê esse processo eleitoral a participação trabalhadora nessa vergonha desse pleito eleitoral, você vê que a alienação no mundo do trabalho é muito grande, ela é gigantesca, ela é imensa. Então como tirar, como transformar esses trabalhadores em trabalhadores conscientes, que possam amanhã fazer uma análise do trabalho como eu to fazendo aqui pra você. Fazer uma síntese com uma resposta, dessa pergunta tão difícil de responder, é um grande dilema e um motivo de angustia, ao mesmo tempo em que eu me sinto contemplado, e o trabalho trouxe pra mim e abriu uma perspectiva... porque?, porque eu tive uma formação, me formei em nível superior, e tive essa possibilidade que você ta tendo, eu sei que no caso a sua vida é diferente da minha, nos já somos privilegiados nesse mundo do trabalho, porque já simos um pouco... você um pouco menos agora , mas na minha época era muito mais privilegiado, você um pouco, porque as oportunidades diminuíram muito com a questão do desemprego. Então eu acho que o trabalhador pode através do seu trabalho abrir novos horizontes ou não , depende do trabalho. E depende também da sorte que ele pode dar na sua interação com o local de trabalho. As vezes um trabalhador ta pronto pra tomada de consciência mas ele não tem a oportunidade as vezes... não tem uma relação.... precisa de alguém ou de alguma forma você dar um salto de qualidade de trabalhador alienando, para trabalhador consciente, e o trabalhador, o trabalho é forma de dignidade humana pelo simples fato do trabalho, a fonte, o trabalho. Mas ele pode superar mais ainda e dar um salto de qualidade, quando você através do seu trabalho você encontra instrumentos pra ajudar na sua formação como homem, como ser humano, e o trabalho pra mim trouxe essa... porque dentro do meu local de trabalho, no serviço publico, eu fui tratado como uma fera... a burguesia através das empresas que controlavam o DNER, me botaram de lado e isso pra mim foi gratificante, porque, por outro lado

eu busquei a formação pra me liberar daquela forma de ser tratado, então é a questão da dialética, a burguesia cria a fera e a fera vai através do seu trabalho buscando formas de lutar contra essa mesma burguesia que ajudou na sua formação porque te impôs regras do capitalismo.... então eu acho que é uma pergunta realmente essa... olha, desde de que você falou que ia fazer essa entrevista pra mim, foi a pergunta mais difícil que eu encontrei pra responder... porque ela pode, você tem que ter muito cuidado pra responder uma coisa dessa porque pode inclusive passar uma coisa prepotente, ce ta entendendo... poxa você encontra a sua realização e a sua formação política através do trabalho, mas milhões de trabalhadores não conseguem, passam a vida num trabalho alienado e repetitivo. Eu acho que agente no mundo do trabalho, agente deve trabalhar, agente deve cumprir com as nossas obrigações no trabalho mesmo que seja um trabalho repetitivo e alienado. Trabalho de engenheiro é trabalho alienado. É diferente dos trabalhadores do mundo da historia, vocês já nascem já ... vocês tem oportunidades que eu não tive, eu tive buscar a minha formação no mundo do trabalho alienado, porque realmente o trabalho no mundo da engenharia é um trabalho alienado, é um trabalho técnico... então quer dizer eu consegui através do trabalho alienado romper as barreiras e buscar um trabalho consciente e rebelde. Por isso que eu acho que o trabalhador jamais pode perder a rebeldia, mesmo no trabalho alienado. Mas pra ele manter a rebeldia ele precisa tomar consciência, pra ele tomar consciência ele precisa estudar, trabalhador precisa estudar, sempre e a vida toda estudar. Eu acho que o cara que diz que sabe tudo ele não sabe nada. No mundo do trabalho você ta sempre buscando aprender, por que as vezes, mesmo no trabalho alienado você busca uma sida de trabalho consciente. Você quando vai ver num detalhe do seu trabalho alienado, você interage com uma pessoa, você vai ver que interage com você em outro local.... agora realmente é uma pergunta difícil essa a sua, eu espero que se você quiser fazer uma replica, eu agente aprofundar mais, eu não sei se te contempla essa resposta....